

Intuição do Real — Reflexões acerca do Discurso de Lacan

Noemi Moritz Kon

Oscilando entre o poético e o conceitual,
o discurso de Lacan
não deixa indene o leitor que dele se aproxime.

A surpresa, o estranhamento em relação a uma linguagem que não minha. Como um código que sempre escapa, mas que diz desde o longe algo que em mim ecoa e voa. Imagino que diz, algo diz, mas escapa e desnortheia. Capto mas não capturo.

O texto de Lacan é imperioso. Traz em si uma poética multiplicativa, pois que não conceitua na estática, seu texto sempre é mais, evanescente como aquilo que pretende dar conta, sobre o qual fala, o inconsciente, o Real.

Esse texto causa em mim um estranho efeito, o do estranhamente familiar, do **Unheimlich** ⁽¹⁾. Pela poética me encontro, na sinuosidade do texto me perco e do enclausuramento do código lacanianano fujo, me fecho para.

De toda forma uma experiência imensa, que me impele a pensar.

É parto da experiência, da vivência do estudo, do desenrolar deste também com outros, para ir explicitando as idéias que me foram surpreendendo.

Dos conceitos:

Supremacia da linguagem, submissão à necessária castração para ser-se, mas corta-se o desejo de se encontrar. O limite, sinto o limite, mas não quero me assujeitar ao discurso do Outro.

Leitura surpreendente. Como uma esfinge, em tom poético, que exige sua decifração, mas afasta-se, aparta-se e empurra para o jamais irá me encontrar. Tentação do saber... como que se no incompreensível do texto, pois que ele sempre escapa se remetendo a outros códigos, outros conceitos, em uma espiral infinita, nesta impossibilidade de possuir, por dizer-me excluída, desejo ter.

No código lacanianano, nesta língua estabelecida, palavras remetem a palavras, que têm nome já dado, já dito, o

Noemi Moritz Kon Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Significante. Como se a formalização em si mesma já explicasse, já fechasse, permitindo um você me conhece sem me conhecer jamais.

Mas alguns parecem se assumir como possuidores de carteirinhas, do passe, e seguem falando, aparentando mesmo se encontrar, mesmo que falem do eterno desencontro. Mas observar meio que de fora como ora me encontro (ou desencontro), desse a sensação do nada, de palavras vazias (e aqui me apropriado do código), como se fossem sacerdotes, ou beatos, deste grande outro. Como se a suposição do suposto saber fosse mesmo experimentada como verdade.

Mas a minha sensação é de que há um compartilhar. Agonia, fico separada, aparece e some, apesar do estranhamente familiar. Temo introduzir, desvelar o que sinto máscara, nesta fala de outro, que aponta para a posse, deste discurso que sinto que prende, que leva sempre para o mesmo. Como se o compartilhar da palavra fosse compartilhar a Verdade, aqui, o clã.

A linguagem aqui amordaça, pois traz as mesmas sílabas, na mesma ordem. Como se todos cantassem o mesmo canto de sereia, desta verdade que já estaria lá, naquilo já falado do discurso do totem. Alguém já o sabe, refere-se ao grande outro já falado, mas nesta fala não se esgota, a sensação permanece apesar deste saber, mesmo sabendo-se da verdade falhada ou da impossibilidade da certeza. É como se o discurso promettesse, alguns sentem que ele cumpre... povo eleito alcança terra prometida.

A experiência de proximidade com o discurso de Lacan tem sido muito forte: de um lado desconfio disto que sinto como um totalitarismo de verdades que se pretendem falhas e com isso ganham em poder, mas de outro sou atraída por algo de reencontro.

Sou atraída duplamente: pela tentação da Verdade e pela tentação do estranhamente familiar.

Ouçó da grande inauguração científica instaurada por Lacan e me espanto mais uma vez, duvido... Será mesmo do rol das ciências a psicanálise? Mesmo que de agora em diante, a partir deste outro começo, seja uma outra ciência. Algo me aponta para outro destino, o da arte, um tipo específico de arte (e

isto é uma longa história que não me atrevo a desenvolver aqui). E a repugnância à religião... mas Grande Outro, passe, nome do pai... trazem algo de cunho religioso. As escrituras lacanianas... como um texto redigido por um porta-voz de Deus a seus emissários na terra que procuram (em vão) decifrá-lo. É de Lacan: "Sem dúvida, por ter sido pelas necessidades próprias de uma experiência que pusemos no núcleo da estrutura do inconsciente a hiância causal, mas ter achado sua indicação enigmática, inexplicada, no texto de Freud, é para nós a marca de que progredimos no caminho de **sua** certeza. Pois o sujeito da certeza está aqui dividido

Mas existem os comentadores, auxiliares do papa, falsos papas, Moisés, levitas, formadores da corte, felizes por sorverem mais palavras dadivosas. Deus, religião, não há que não o meu.

— a certeza é Freud quem a tem" ⁽²⁾. Os escritos são mais, apontam o mais... vão além dos humanos. Mas existem os comentadores, auxiliares do papa, falsos papas, Moisés, levitas, formadores da corte, felizes por sorverem mais palavras dadivosas. Deus, religião, não há que não o meu.

Não sei se isso é Lacan, mas ele o permite. "Lacan como causa aparente de certos efeitos de poder no discurso francês contemporâneo." ⁽³⁾

Mas não me engano, sou também seduzida... há uma tremenda sedução em assumir esse código mágico, que nessa cadeia de significantes do idioma laciano oferecem a tal terra

prometida, a verdade das verdades, o mundo forjado por nossa capacidade de simbolização. A verdade, mesmo que como não verdade, pois que o não inexistente.

Mas temo ser apenas minha pretensão e sou jogada para minha ignorância.

Do real, da falta, da verdade:

O mais capcioso no vertiginoso texto laciano e suaimensidão em filigranas. Nunca se poderia dizer entendi! Mas é sempre uma promessa. Imenso em referências, imenso em sua poética, não é definidor. Mas na contramão de seu próprio sentido que parece enfatizar os limites, a falha, a castração, a submissão à possibilidade humana, aponta, enseja, dá o direito, paradoxal que seja, de um saber quase que infinito, por querer (dizendo que não o quer, histericamente?) dar conta, negando o próprio texto, do tudo (será a travessia do fantasma?).

Como que poder falar do Real, falá-lo inatingível, proporcionasse a sensação de tê-lo, sabê-lo, englobá-lo, possuí-lo em sua inefabilidade.

Como se houvesse poder mágico nas palavras.

É de Lacan:

"Esse real onde o encontramos? É com efeito, de um encontro, de um encontro essencial, que se trata no que a psicanálise descobriu — de um encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que se escapole." ⁽⁴⁾

"O real é para além do sonho que temos de procurá-lo — no que o sonho revestiu, envelopou, nos escondeu, por trás da falta de representação, da qual lá só existe um lugar-tenente. Lá está o real que comanda, mais do que qualquer coisa, nossas atividades, e é a psicanálise que o designa para nós." ⁽⁵⁾. Temos portanto a chave da verdade?

Mas é um texto gigantesco, apaixonante, inebriante, como um texto sagrado e portanto não modificável... deve ser encontrado. Como se a expectativa de sua captação nos deixasse mais perto de Deus.

Mas escrevo e fico angustiada, conflituada, algo em meu corpo introduz, se traduz por um tipo de mal-estar, de enjôo... algo parece ficar apartado, distanciado por este tipo de Razão. Não encontro palavras para este mal-estar, quase que repugnância... algo do mundo dos viventes.

Vivencio a contribuição do texto lacaniano, trabalho inclusive em função de sua leitura, mas desconfio da contribuição. Parece-me desencarnada... significantes que falam a significantes, história que não há, ou já é dada, na inscrição dá o papel... falta-me a ilusória sensação de ser-se... talvez seja demais para meu narcisismo, mas me parece haver algo no para além da linguagem.

Busco carona em uma discussão presente na tese de mestrado de Miriam Chnaiderman, **O hiato convexo: literatura e psicanálise** ⁽⁶⁾, sobre a verdade e o lugar da falta.

"A verdade da carta roubada é a verdade, seu sentido é o sentido, sua lei é a lei, contrato da verdade consigo mesma no logos. A castração como verdade. Qualquer coisa falta, mas a falta jamais aí falta." ⁽⁷⁾

Afirma Derrida:

"Determinando o lugar da falta, o topos do que falta em seu lugar, constituindo-o em centro fixo, Lacan propõe, pois, ao mesmo tempo que um discurso verdade, um discurso sobre a verdade da carta roubada como verdade de 'A carta roubada'".

"Se o significante é tomado como letra (carta), passa a haver um lugar próprio, uma verdade única." ⁽⁸⁾

Se esse poder não é afirmado por Lacan, é permitido em sua leitura. Talvez seja esta mesma a grande tentação lacaniana.

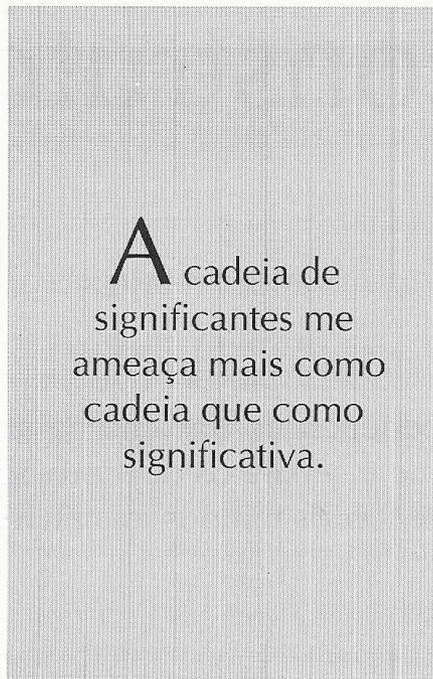
Temo mais uma vez minha pretensão, talvez seja ignorância. Mas me remôo e tento de novo.

A percepção, o sensível, diz-se, não é depreciado, mas apóia e é transformado, submetido à ótica humana, em sua capacidade singular de simbolização. Mas não consigo confundir tal capacidade com a cadeia de significantes (se é que Lacan assim o faz), que nesse momento me ameaça mais como uma cadeia do que como significativa. Na sutileza do texto, por designar a falta, nesta dupla mensagem, é que sinto a prisão da qual desejo fugir. Mas me desvio sempre para olhar para trás, mesmo que temendo virar estátua de sal.

Pois sinto falta, sinto a falta, de um instrumento tão potente em mim, de um modo de captação, falta o poético, o artístico, algo da "condenável" intuição. Não a intuição como ilusão, da preguiça, mas do saber sem controle, que até permitiria um

caminho de volta para a observação de seu percurso, mas sem que com isso esgote tal saber. Um saber incluso no **après-coup**.

Lacan vai radicalmente contra a hermenêutica, diz: "... o inconsciente não é ambigüidade de condutas, futuro saber que já se sabe, mas lacuna, corte, ruptura que se inscreve em certa falta" ⁽⁹⁾. Mas ouço, e sei que esse é meu recorte, na conceituação do real (cá pra nós de uma intuição incrível), algo que chega muito perto do sinistro, do estranhamente familiar, uma captação que não permite captura, o real que cada um de nós pode farejar... esse real para além e



para alguém de nós mesmos... e o roçar nessa idéia, a possibilidade mesma de falar-se nela, parece ser algo comum a todos, um mito último, proveniente deste mal-estar humano, pois algo sempre falta, pois não há sociedade possível, algo da experiência da perene procura.

E em sua forma poética de discurso Lacan remete mesmo a isso, é na poética que não se fecha. Mas, ao mesmo tempo, pelo temor do desconhecido, da única possibilidade que é o desconhecimento de nós mesmos, por isso que nos rege, traz em seu próprio bojo uma possibilidade-prisão, de palavras onipotentemente mágicas, nesse código arma-escudo, ensaja-se um falso saber. E na tenta-

tiva mesmo de superar este mal-estar que está sempre lá, nessa sofreguidão, nessa pressa de apreensão, na instrumentalização do código e assim no tamponamento que testemunhamos necessidades imperiosas de ultrapassar o que nos é dado saber. E o texto indica o não saber... falar vai ser sempre sobre, não há representação, não é poder sobre... mas há alguma apreensão, também indizível (talvez seja a isso que chame de intuição), coisa dos deuses de nós mesmos, de um outro conhecimento que nos ultrapassa desde dentro de nós mesmos. Mas apenas enquanto vislumbre, sentir. Saber sem controle, sem manejo, uma não-presença em nós.

O que é des-razão, intuição, um outro conhecimento, na criação genial desta formalização do real, que sinaliza esta presença-ausente, esse estranhamento que comunica, para além da Razão, da verdade, da superação.

É de Lacan: "O inconsciente é bem mais algo próximo da bexiga e essa bexiga trata-se de fazer vocês verem que, colocando-se em seu interior uma pequena luz, ela pode servir de lanterna. Por que se espantar se a luz leva às vezes um pouco de tempo para acender?" ⁽¹⁰⁾

Ilumina... Ilumina-se???

Notas

1 — Freud, S. **O Estranho**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 17, Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1969.

2 — Lacan, J. **O seminário, livro 11, Os quatro conceitos: fundamentais da psicanálise**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979, pág. 49.

3 — Johnson, B. "The frame of Reference, Poe, Lacan, Derrida", in **Literature and Psychoanalysis: the question of, reading otherwise**, ed. Shoshana Felman The John Hopkins Univ. Press, Baltimore and London, 1982. Citação em Chnaiderman, M., **O hiato convexo: literatura e psicanálise**. PUCSP, 1987.

4 — Lacan, J.: op. cit., págs. 55-56.

5 — Lacan, J.: op. cit., pág. 61.

6 — Chnaiderman, M., **O hiato convexo: Literatura e psicanálise**. Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

7 — Chnaiderman, M.: op. cit., págs. 86-87.

8 — Derrida, J., **La carte Postale**, Flammarion, Paris, 1980, in Chnaiderman, M., op. cit., pág. 87.

9 — Lacan, J.: op. cit., pág. 146.

10 — Lacan, J.: op. cit., pág. 178.